

O sistema de avaliação escolar da FLUP e o (in)sucesso académico

Prof. Doutor Raúl da Cunha e Silva (Coord.)

Dr.^a Maria Fernanda Figueira

Dr.^a Olga Sousa Lima

Dr. Luís Grosso Correia

Este trabalho é uma tentativa de descodificar e interpretar as representações, atitudes e experiências dos alunos no que concerne à eficácia dos agentes e processos avaliativos da FLUP em termos de aprendizagem e de sucesso académico.

Trata-se de um estudo exploratório no qual não foram analisadas todas as variáveis implicadas no processo.

Consta das 5 partes seguintes:

- 1^a. Status quaestionis
- 2^a. Análise de dados
- 3^a. Conclusões
- 4^a. Questionário
- 5^a. Bibliografia

Os resultados a apresentar baseiam-se na análise de um inquérito respondido, em Maio de 1998, por 225 alunos, de um universo de cerca de 480, do 4º ano curricular do Ramo de Formação Educacional.

I

Status quaestionis

1.1. A universidade tem vindo a massificar-se progressivamente numa razão inversa da sua democratização.

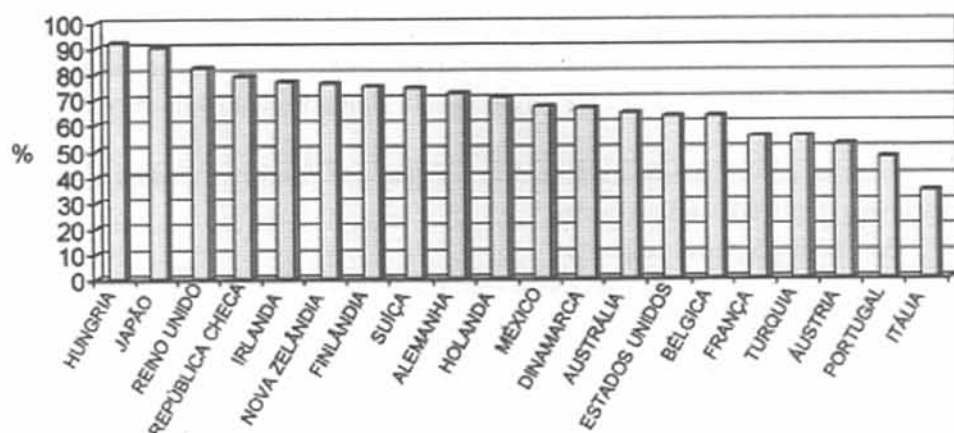
Esta afirmação pode ser confirmada pelos números que se seguem:

Em 1960 cursaram o Ensino Superior 26.000 alunos; em 1998, 350.000. Entre 1980 e 1998 o Politécnico cresceu 9.5 vezes, o privado 15, a universidade 2.5. (Jornal “Público” de 10.10.1998, *Universidade de Massas?*)

Pressente-se um agravamento, se considerarmos que 70% dos jovens aspiram ao ensino superior – o que irá reforçar a taxa dos 49% que não frequentam o curso a que aspiram como 1ª ou mesmo 2ª opção. Isto significa, a nosso ver, que o ingresso no Ensino Superior tenderá a ser mais político que meritocrático.

É à luz desta realidade que se deve analisar o gráfico nº 1.

TAXA DE SOBREVIVÊNCIA NAS UNIVERSIDADES
(diferença entre o número de alunos que iniciam e terminam o curso)



(Fonte OCDE, Base de Dados da Educação)

Gráfico nº 1

Portugal ocupa o penúltimo lugar (logo seguido da Itália) nos 20 países da OCDE. A sua taxa de sucesso é de 49%, quando a média dos restantes referenciados é de 78%

E na FLUP?

Consulte-se o gráfico nº 2 e o quadro nº 1.

Número de alunos que concluíram o 4.º ano em 1996/97 *

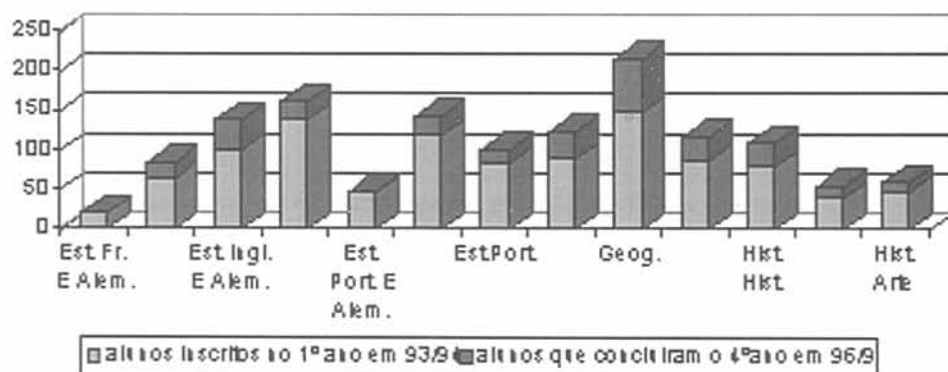


Gráfico nº 2

	Est. Fr. e Alem.	Est. Fr. e Inbl.	Est. Ingl. e Alem.	Est. Port. e Fr.	Est. Port. e Alem.	Est. Port. e Ingl.	Est. Port.	Filos.	Geog.	Socio.	Hist. Hist.	Hist. Arque.	Hist. Arte
Insc. 93/94	19	64	101	139	46	119	84	89	149	86	79	39	48
Concl. 96/97	1	20	37	23	1	25	18	34	67	31	29	15	12

Quadro nº 1

* Fontes: Lista de matrículas na ano lectivo de 1993/94
 Lista de conclusão de licenciatura do ramo científico de 1996/97
 Lista de matrículas do ano lectivo de 1997/98

(Estes valores fazem parte de um trabalho que, sob a orientação do coordenador do presente estudo, um grupo de alunos está fazendo no âmbito de Organização e Desenvolvimento Curricular).

Aqui o insucesso é muito maior. Há cursos em que o insucesso é muito superior a 90%!

Há-de haver explicações para este fenómeno!

Sempre estivemos convencidos de dois princípios que nos parecem do senso comum.

Em primeiro lugar, o aluno universitário tem mais maturidade que o dos outros níveis de ensino (é mais velho);

Em 2º, o universitário venceu todas as barreiras necessárias para ingressar na Faculdade – o que indicia um QI acima da média, ou pelo menos, dentro dos valores médios.

Em 3º, e como conclusão das premissas anteriores, o aluno universitário deveria ter as mais altas taxas de sucesso do Sistema Educativo.

Mas contra facta non sunt argumenta.

Uma explicação cabal deverá ter, como hipótese, os seguintes indicadores:

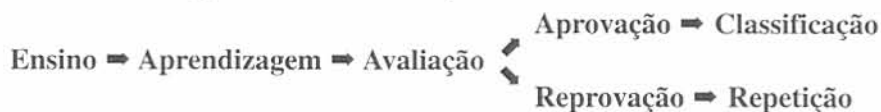
- Os alunos universitários não são possuidores dos pré-requisitos ou ancoragens de que fala Ausubell, os quais permitem adquirir os conhecimentos no ensino superior;
- A pedagogia do ensino universitário deverá ser reequacionada;
- A rácio professor-aluno e o número excessivo de alunos por turma;
- O “ofício” do aluno e o sentido do trabalho escolar;
- A correlação entre o ensino superior e as saídas profissionais;
- A massificação da vida escolar;
- A problemática da avaliação.

Provavelmente, estes indicadores não passarão de algoritmos de uma solução global do insucesso no ensino superior.

A nossa intervenção, aqui e agora, vai limitar-se à avaliação, embora, por vezes, se tenha de trazer à colação alguns dos indicadores referidos.

1.2 Num passado não remoto a avaliação era a posteriori.

Inseria-se no seguinte modelo conceptual:



Sendo a posteriori, não produzia efeitos correctores, sistémicos, formativos. Apenas media. Tal era e é a função da avaliação sumativa, final ou periódica.

A partir dos anos 50, a avaliação tende a deslocar-se do produto (output) para o processo de ensino/aprendizagem com a finalidade de auto-correcção sistémica. É a emergência da avaliação de Scriven (formativa, contínua).

Ao situar-se bem no centro do processo de ensino/aprendizagem, a avaliação contínua permite o feedback permanente, a correcção dos desvios podendo

melhorar qualitativamente o processo e aumentar significativamente o sucesso do produto.

Na FLUP há vários tipos de avaliação conforme diz o Artº I do Guia do Estudante (Vol. XIX, Ano Lectivo 1998-1999) :

«Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a) Avaliação contínua
- b) Avaliação periódica
- c) Avaliação final»

O que equivale a dizer que na FLUP a avaliação ou é sumativa ou é formativa (contínua), embora em certas circunstâncias possam combinar-se as duas.

Será interessante saber qual delas é a mais praticada, qual a que os alunos mais apreciam e que condicionalismos determinam o primado de uma sobre a outra. E ao mesmo tempo, qual delas poderá contribuir mais para a construção qualitativa do sucesso escolar.

Para obter algumas certezas nestas matérias, a cadeira de Organização e Desenvolvimento Curricular decidiu ouvir o pensamento dos alunos que no ano lectivo de 1997-1998, frequentaram o 4º ano do Ramo de Formação Educacional da FLUP.

O inquérito encontra-se nas páginas 14-16 deste trabalho. Foi respondido em Maio de 1998, por 255 alunos que representam 52% da população total (485).

A média etária é de 23 anos. Os valores modais ou quase bimodais são de 22 (62 casos) e 21 (55 casos). 81% são do sexo feminino e 19% do masculino. (População universitária bastante jovem e muito feminina!)

II

Análise dos dados

2.1. O item 12 ou seja, “Causas do insucesso académico” (graus de importância) pretende ordenar seis possíveis causas do insucesso escolar (cada uma das quais poderá originar trabalhos diferentes, embora complementares). Apresenta os seguintes resultados (gráfico nº 3 e quadro nº 2) numa escala de 1 – menos importante, a 6 – mais importante.

Causas do insucesso académico
(graus de importância)

item 12	Média	Ordem
Falta de estudo	4,11	2
Metodologia de estudo	3,67	3
Falta de pré-requisitos	3,15	6
Estratégias de ensino utilizadas	4,19	1
Estilo do avaliador	3,44	5
Regime de avaliação	3,57	4

Quadro nº 2

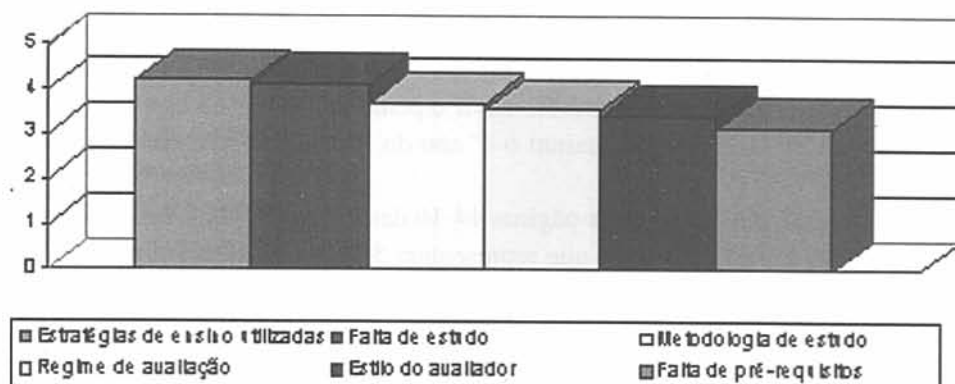


Gráfico nº 3

O grau de importância de cada item é próximo ou superior a 4. Isto significa que os alunos atribuem muita importância a cada uma das possíveis causas do insucesso. Mais, eles estabelecem uma ordem entre eles, indicando em 1º lugar as estratégias do ensino utilizadas, em 2º a falta de estudo, em 3º a metodologia de estudo, em 4º o regime de avaliação, em 5º o estilo do avaliador, em 6º a falta de pré-requisitos.

2.2. O item 13 “Indique o regime de avaliação dominante na sua trajetória académica na FLUP” tinha como objectivo conhecer o peso relativo das várias modalidades de avaliação em vigor na Faculdade.

O gráfico nº 4 e quadro nº 3 mostram-nos os seguintes valores.

Avaliação praticada

Item 13	Número	%
Avaliação periódica	235	92,5
Avaliação final	9	3,5
Avaliação contínua	4	1,6
Combinação de 1. 2. 3	6	2,4

Quadro nº 3

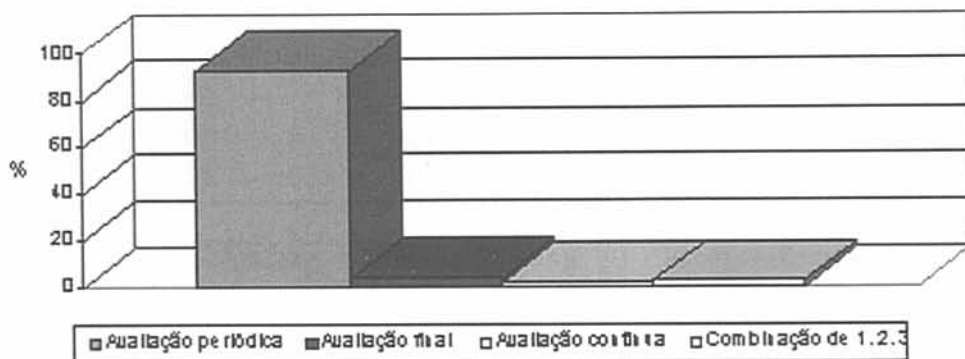


Gráfico nº 4

A avaliação periódica é a mais praticada (92,5%), logo seguida da final.

Se cruzarmos estes dados com os do gráfico anterior, parece-nos legítimo inferir que será esta a modalidade de avaliação que os alunos consideram, em geral, como uma das causas do insucesso.

2.3. Avaliação e sucesso académico (item 14)

A grande maioria dos alunos (73,2%) pensa que a avaliação contínua induz mais o sucesso académico que as outras modalidades.

O quadro que se segue e o gráfico nº 5 mostram os resultados.

Avaliação e sucesso académico

Item 14	Número	%
Avaliação periódica	47	18,5
Avaliação final	21	8,3
Avaliação contínua	186	73,2

Quadro nº 4

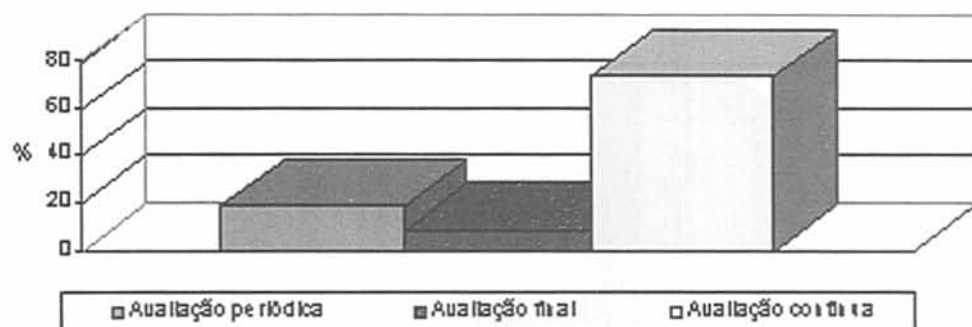


Gráfico nº 5

2.4. Avaliação e graus de satisfação (item 15)

Neste parâmetro havia a intenção de conhecer o grau de satisfação relativamente à avaliação praticada. É mais uma variável de controlo na mediada em que a análise dos itens 12, 13 e 14 permite-nos projectar conclusões pertinentes nesta matéria.

Os resultados do quadro nº 5 e do gráfico nº 6 confirmam amplamente o que supúnhamos.

Avaliação e grau de satisfação

Item 15	Número	%
1 - Muito insatisfeito	23	9,0
2	75	29,5
3	133	52,0
4	21	8,2
5 - Muito satisfeito	1	0,3

Quadro nº 5

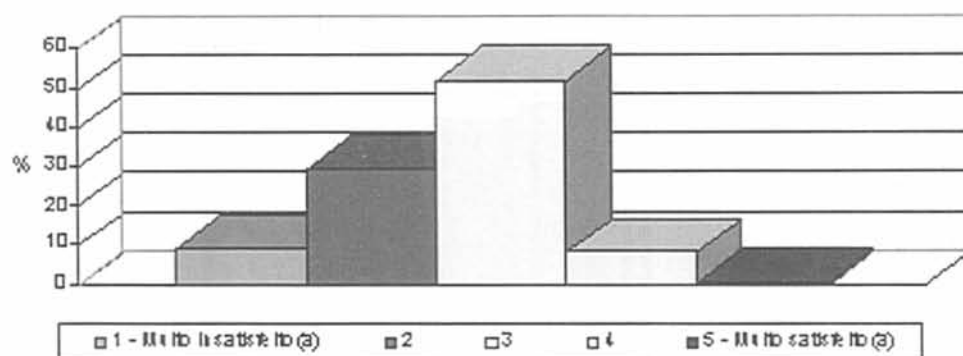


Gráfico nº 6

O nível 3 é a tendência central mas há um acentuado deslocamento para a esquerda que, em termos de uma curva de Gauss representa valores negativos. Significa que a tendência dos alunos é para considerar a avaliação praticada com pouca ou nenhuma satisfação – conclusão que se enquadra logicamente nos parâmetros dos itens 12, 13 e 14.

2.5. Conhecimentos mais eficazes para o sucesso (item 18)

A avaliação não é um processo abstracto. Ela versa sobre conhecimentos cujo tipo importa conhecer.

Por isso, propomos aos alunos que assinalassem por ordem de importância (1 – menos importante, 3 – mais importante) o tipo de conhecimentos mais eficazes para o sucesso académico.

Os resultados obtidos são os que constam do quadro nº 6 e gráfico nº 7.

Conhecimentos mais importantes para o sucesso

Item 18	Média	Ordem
Conhecimentos memorísticos	1,53	3
Conhecimentos analítico-sintéticos	2,14	2
Conhecimentos críticos	2,34	1

Quadro nº 6

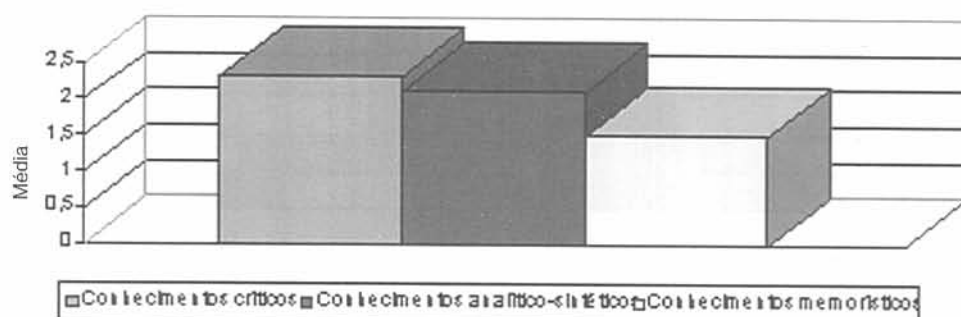


Gráfico nº 7

Os resultados surpreenderam-nos, porque estávamos convencidos que na preparação dos exames e das frequências havia grande percentagem de alunos que memorizavam apontamentos, leituras, matérias para reproduzir na hipótese de serem questionados. Ou seja, na taxonomia de Bloom a preparação das frequências implicaria conhecimentos memorísticos, sendo residual a análise-síntese e a avaliação – os níveis mais elevados de toda e qualquer taxonomia.

Daí a necessidade de uma variável de controlo apresentada sob o seguinte enunciado:

2.6. A avaliação a nível do conhecimento

Perguntava: A avaliação é um momento para, a nível dos conhecimentos, explicitar (assinale pela ordem de importância: 1 menos importante, 4 mais importante) Reprodução, Inovação, Erudição, Pensamento Divergente)

A resposta dos alunos é a que consta do quadro nº 7 e do gráfico nº 8.

Avaliação e nível do conhecimento

Item 19	Média	Ordem
Reprodução	2,04	4
Inovação	2,93	1
Erudição	2,38	3
Pensamento divergente	2,68	2

Quadro nº 7

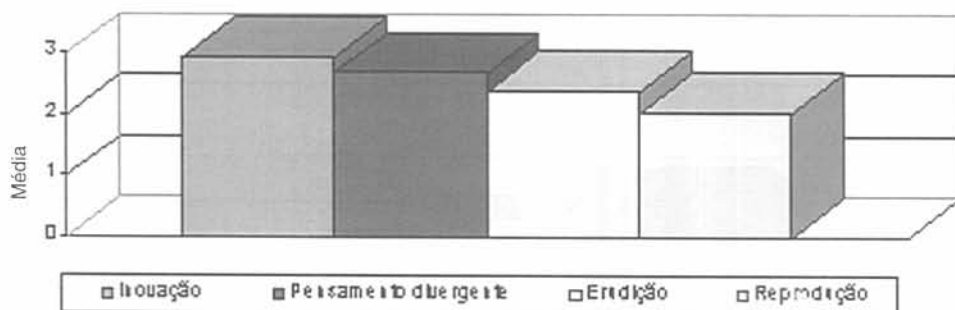


Gráfico nº 8

Os resultados confirmam os valores do item nº 18 – o que demonstra que efectivamente a capacidade crítica, de inovação são altamente relevantes para o sucesso académico em termos de avaliação. A memorização/reprodução aparecem fortemente desvalorizadas.

(Não valerá a pena investigar um pouco mais estas matérias?).

2.7. Até este momento procuramos questionar as grandes causas do insucesso académico e o lugar que nelas ocupa a avaliação. Houve também interesse em saber qual o tipo de avaliação praticado, os graus de satisfação perante

a mesma e o seu lugar na indução do (in)sucesso escolar, o tipo de conhecimentos avaliados.

Agora mais um passo se dará: a análise de alguns factores de sucesso.

Para isso pedimos aos alunos que indicassem por ordem hierárquica os factores que influenciam o sucesso académico. A ordem hierárquica considerava: 1 – menos importante, 6 ou 7 – mais importante (item nº 20).

Os resultados são os que constam do quadro nº 8 e do gráfico nº 9.

Graduação dos factores de sucesso

Item 20	Média	Ordem
Capacidade/competência do aluno	4,78	2
Lisonja do professor	2,10	6
Cábulas nos exames	2,23	5
Empatia professor-aluno	3,32	4
Competência científica do professor	4,17	3
Competência pedagógica do professor	4,81	1

Quadro nº 8

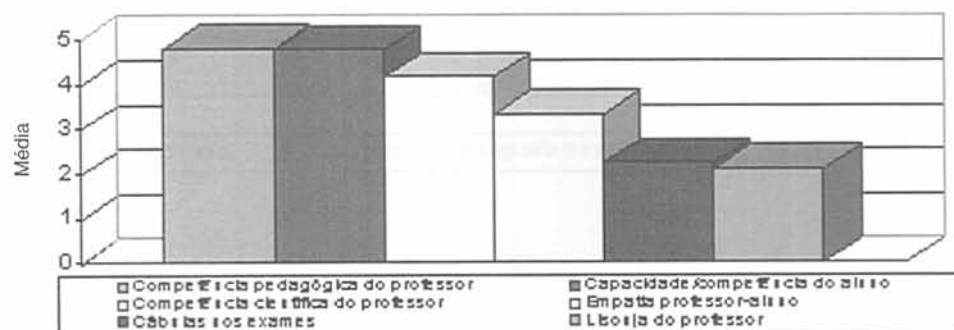


Gráfico nº 9

Em 1º lugar a competência pedagógica do professor.

Em 2º, a capacidade/competência do aluno.

Se quiséssemos regressar ao item 12, notaríamos que os alunos consideravam as estratégias usadas e a falta de estudo ou o método utilizado como as grandes causas do insucesso.

Sendo assim, é lógico concluir que as três grandes causas do insucesso são as três do sucesso. Ou seja, é no âmbito das estratégias do professor (pedagogia e metodologia), da competência e capacidade (estudo) dos alunos, na avaliação com ou sem as cábulas omnipresentes que se constrói o sucesso ou o insucesso. Claro que a competência científica e a relação aluno-professor desempenham papel de grande relevo mas não são prioritárias, segundo o pensamento dos alunos que responderam.

2.8. Referentes do avaliador

O item 21 procurava construir o referente do avaliador. Tinha interesse este item na medida em que várias vezes temos falado de avaliação, do seu perfil e da maneira como os alunos a consideram. Restava centrar alguma atenção no próprio avaliador.

Às questões do item 21 as respostas dadas são as que constam do quadro nº 9 e gráfico nº 10.

Referentes do avaliador

Item 21	Número	%
Professor rigoroso	42	16,5
Professor compreensivo	202	79,5
Professor facilitista	2	0,8
Professor permissivo nos testes	8	3,1

Quadro nº 9

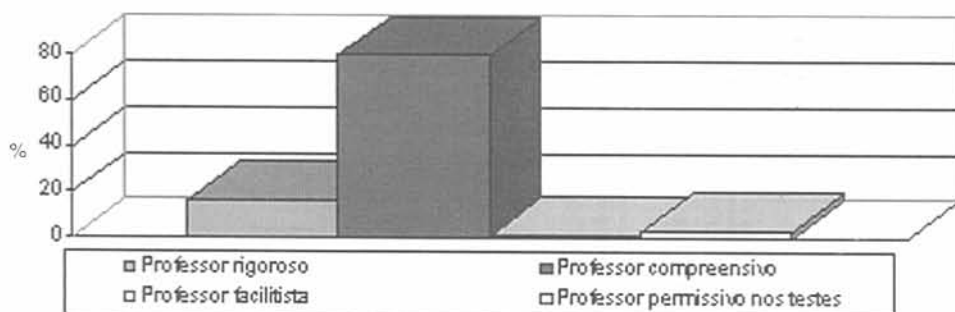


Gráfico nº 10

79,5 dos alunos pensam que o avaliador deve ser rigoroso, 16,5% apreciam um avaliador compreensivo; são residuais os números para o facilitista e permissivo.

Parece ser legítimo concluir que os alunos são de opinião que o acto avaliativo deve ser sério e com seriedade, embora não apreciem a avaliação periódica e final, como vimos.

2.9. Graus de (des)acordo em vivências de avaliação

O item 22 pedia aos alunos que mostrassem o seu grau de acordo ou desacordo sobre um universo de questões cujo elenco se encontra no quadro nº 10 e gráfico nº 11.

Os resultados estão patentes nas figuras que se seguem.

Graus de (des)acordo em vivências de avaliação

Item 22	Média	Número
A avaliação praticada é valiosa	3,00	249
A avaliação versa sobre os conteúdos leccionados	3,98	250
Mais sucesso nas disciplinas que só fez avaliação periódica	3,03	250
Mais sucesso na avaliação final	2,32	243
Mais sucesso na avaliação contínua	3,58	241
Os testes de consulta aumentam o sucesso	2,77	250
O sucesso depende mais da avaliação do que do estudo	3,02	251
O sucesso é mais fácil em turmas pequenas	4,26	250
O sucesso é mais fácil em horários semanais menos-concentrados	4,44	250

Quadro nº 10

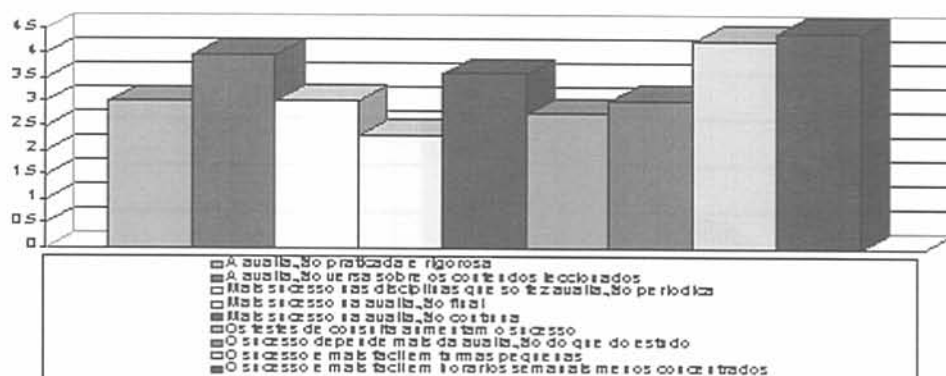


Gráfico nº 11

- 1 – Os alunos estão totalmente de acordo que o sucesso é mais fácil em horários semanais menos concentrados. Para além de razões de carácter pedagógico, os alunos sentem que nem sequer têm tempo para almoçar (se houvesse cantina...) ou tomar alguma coisa no bar, no intervalo entre duas aulas (quem lecciona das 12.30 às 14.30 sabe muito bem a falta que fazem uns minutinhos...)
- 2 – O sucesso é mais fácil em turmas pequenas, porque só estas permitem a avaliação contínua que na opinião de 73,2% dos casos (ver item 14) potencia o sucesso e consentem estratégias inovadoras, como a investigação – acção que os alunos consideram o factor nº 1 para o sucesso (quadro nº 9).
- 3 – Aham – já se sabia – que há menos sucesso na avaliação final que na contínua.
- 4 – Estão de acordo, embora não totalmente que a avaliação versa sobre os conteúdos leccionados.
- 5 – Não concordam nem discordam que o sucesso depende mais da avaliação que do estudo.

Parece não ser necessário analisar os outros scores porque eles se situam a nível de valores negativos.

III Conclusões

Embora estudo exploratório, como se afirmou logo de início, porque não foram analisadas todas as variáveis implicadas no processo, mesmo assim ele permite inferir conclusões com rigor científico: umas de carácter explícito; outras ponto de partida para novos estudos. Relativamente às explícitas, os alunos consideram em 1º lugar insatisfatória a avaliação periódica final. Julgam-na até como uma das causas do insucesso escolar;

Em 2º defendem a avaliação contínua, formativa propondo que seja possível a sua generalização na Faculdade criando as condições que a tornem viável (turmas mais pequenas, por exemplo);

Em 3º, acham que a carga horária concentrada (aulas por exemplo, das 12.30 às 14.30) dificulta o processo.

Em 4º julgam que as estratégias utilizadas desmotivam, Reconhecem que em salas com 100 ou mais alunos não é fácil ir além de lições expositivas.

Em 5º lugar, sentem que não trazem, de uma forma geral, do ensino secundário, os pré-requisitos necessários para entrar na Faculdade.

Em 6º lugar apreciam os professores competentes, rigorosos e compreensivos, desvalorizando (se os houver) os facilitistas.

Nas atinentes às implícitas, isto é, aos pontos de partida para novos estudos, gostaríamos de trazer à colação 4 temas que neste momento estão a ser investigados por alunos em ODC, em grupo de trabalho.

- Levantamento das taxas de insucesso na FLUP.
- Condições de estudo dos alunos da FLUP
- Trabalhos de casa (T.P.C.)
- Necessidade do Director de Turma e/ou do Tutor.